

Entre Coroas, Províncias e Missionários: o Congo no século XVIII

Luana Mayer de Souza¹

No final da década de 1770, a Rainha D. Maria I, de Portugal convidou numerosas corporações eclesíásticas de Portugal para enviar missionários para Angola. Foi assim formado um grupo de missionários que embarcou para Angola no dia 22 de Junho de 1779.²

O Frei Rafael de Castello Da Vide, que era um frade menor franciscano, oriundo da Província da Piedade, chegou a Angola nessa expedição de missionários, que também trouxe o governador de Angola Senhor D. José Gonçalves de Câmara e o de Benguela. Apesar de ser considerada uma missão católica, o reino português também disponibilizou para essa expedição um contingente de quase 600 pessoas, incluindo militares e degredados.³ O estabelecimento de novas relações com os congueses; a retomada de negócios lusos numa região que se encontrava povoada de traficantes ingleses, franceses e holandeses fazia parte do objetivo da missão.

O relatório de Frei Castelo Da Vide é o principal e mais extenso documento missionário conhecido que data da segunda metade do século XVIII. O capuchino ao longo de sua estadia de dez anos (1779-1789) pela região do Congo produziu quatro relatórios endereçados aos seus superiores. Esses foram enviados à Portugal em datas diferentes: 1781, 1782, 1783 e 1787. Só partindo da região ao ser nomeado Bispo de São Tomé e Príncipe em 1794. Durante esse período esteve envolvido com as elites locais, sendo inclusive nomeado vigário do Congo, sendo um missionário com prestígio tanto no Congo como em Angola.

Nessa comunicação iremos nos deter no primeiro relatório enviado como um estímulo ao seus pares em Portugal. Podemos perceber que DaVide ao longo do seu texto, busca destacar aspectos positivos da missionização em terras tão longínquas.

Depois de muitos imprevistos, a missão enfim chegou na costa da África, realizando sua primeira parada em Benguela, para deixar seu novo governador e logo depois foi ram para Angola, o ponto de partida oficial. Uma vez em terra, os religiosos foram distribuídos para conventos e regiões distintas pelo Bispo de Angola e Congo.⁴

Da Vide fica encantado com Luanda, de acordo com ele:

¹Mestranda em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orientadora: Profa. Dra. Regiane Augusto de Mattos.

²SAPEDE, Thiago Clemêncio. Missão católica e comércio de escravos no Reino do Congo do Século XVIII. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

³Frei Rafael Castello da Vide: Viagem e missão no Congo. Academia das Ciências de Lisboa, MS Vermelho 296. pg.pg.10

⁴Da Vide. Op. Cit. pg.20

"Esta Cidade Capital de Angola, chamada por alguns Luanda, e por outros cidade de S. Paula Da Assunção, este é o seu mais próprio nome, que vai nas assinaturas, é populosa assim de gente branca, como pretos, muito boas casas, ricos comerciantes, de muitas Igrejas, com a sua Sé, e também muitas casas de palha"⁵

No trecho destacado podemos perceber o esforço de Portugal em ocupar a região de Angola, trazendo portugueses para ali habitarem, a construção de igrejas e colégios. Seria o mesmo projeto que Portugal tinha para os vizinhos?

De Vide por oito meses missionou em Luanda, mas foi escolhido para partir ao Congo. De acordo com o Padre, o governador possuía:

"particulares recomendações para escolher Missionários para o Reino do Congo e Condado do Sonho do mesmo Congo, até onde, com grande empenho, se estendia o zelo da nossa Soberana, por ter sido aquele Reino criado no Cristianismo pelos Portugueses mandados por seus Augustos Predecessores"⁶

Podemos perceber uma simbiose entre religião e política a partir desse trecho. O governador tinha recomendações expressas da rainha para escolher a missão evangelizadora mais eficaz em restabelecer as relações entre os dois países. Portugal buscava resgatar antigas alianças nessa região por meio da religião, tal como ocorrera cerca de duzentos anos atrás com a expedição de Diogo Cão.⁷

Esse esforço de Maria I ocorria por conta do rompimento das relações comerciais entre ambos após a batalha de Ambuila. A guerra ocorreu por conta da disputa pelo controle do território que seria passagem para as cobiçadas minas de ouro e prata. Na batalha morreram milhares de congueses nobres e o rei Antonio I teve sua cabeça cortada e enterrada em Luanda, enquanto sua coroa e seu cetro, emblemas reais, foram remetidos a Lisboa como troféus. Junto com o rei, morreram os principais candidatos ao trono, abrindo-se, então, uma

⁵ Da Vide. Op. Cit pg.21

⁶ Idem. pg.23

⁷ Os contatos entre os portugueses e o reino do Congo se iniciaram em 1483, durante a primeira viagem de Diogo Cão, líder da expedição portuguesa à África. Ao navegar pela costa africana, Diogo Cão atingiu a foz do rio Zaire. Ele descobriu que os povos que viviam ali pertenciam ao reino do interior, o mani Congo. As relações entre os portugueses e os congueses seriam estabelecidas numa segunda viagem em 1485, visando primordialmente a conversão deles ao cristianismo.

guerra civil no reino.⁸ O tráfico de escravos em Angola estava ameaçado pelo comércio vizinho, principalmente o exercido pelas províncias conguesas de Nsoyo e Luango.

A expedição religiosa com destino ao Congo, formada por Fr. Rafael Da Vide; o Fr. Libório da Graça, religioso de S. Bento, destinado para Vigário Geral do Congo; o Reverendo Padre Dr. André de Couto Godinho, presbítero do hábito de S. Pedro e Bacharel em Cânones por Coimbra e Fr. João Gualberto de Miranda, religioso da Terceira Ordem da Penitência do Nosso Padre S. Francisco começa, então, no dia oito de Agosto de 1780. Os missionários foram acompanhados por 200 africanos que tinham função de conduzi-los até o rei do Congo e serviam também como intérpretes.⁹

De acordo com Da Vide, o Congo no século XVIII seria um "Reino muito antigo, dilatado, e um grande Império, ainda que hoje se acha dividido entre muitos grandes levantados, que se separaram do Rei, mas sempre se reconhecem seus vassalos (...)"¹⁰ O missionário nesse trecho se refere ao contexto histórico conhecido como as guerras civis, período que houve uma luta interna pela sucessão ao trono, envolvendo inúmeras províncias.

Para entender melhor esse processo, iremos utilizar o conceito de "cadeias de sociedades" formadas por "sociedades englobantes" e "sociedades englobadas" do antropólogo francês Jean-Loup Amselle. Para este autor, as sociedades locais devem ser "(...) entendidas como o resultado de uma rede de relações (...)"¹¹ pois elas estão inseridas em formas gerais e "englobantes" que as definem e não fechadas em si mesmas. Dessa forma, podemos entender melhor a relação entre o poder e as províncias e como irá refletir internamente no Congo, ainda mais num contexto como esse de disputa pela hegemonia de uma rede de comércio de escravos de nível atlântico.

O Congo era articulado em seis províncias: Mpemba, Nsoyo, Nsundi, Mbamba, Mpangu e Mbata. Havia também uma divisão territorial: as cidades – mbanza onde viviam os nobres e alguns privilegiados, e as comunidades de aldeias, conhecidas como lubatas.¹²

A própria noção de espaço naquele século era completamente diversa da atual. As fronteiras de um reino eram bastante mutáveis tanto pelos conflitos e guerras quanto por

⁸ VAINFAS, Ronaldo e MELLO E SOUZA, Marina de. "Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII". In: *Tempo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, v.3, n.6, dez/1998, pg110.

⁹ Da Vide. Op. Cit. pg.23-24.

¹⁰ Da Vide. Op.Cit. pg. 26.

¹¹ AMSELLE, Jean Loup & M'BOKOLO, Elikia. *Pelos Meandros da Etnia: Etnias, Tribalismo e Estado em África*. Lisboa: Edições Pedagogo, 2014. pg.34.

¹² MELLO E SOUZA, Marina. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. pg. 60.

fatores políticos internos. Muitas vezes, o título de um rei não correspondia ao território sobre o qual ele efetivamente exercia algum tipo de autoridade.

A organização política conguesa teve maior destaque entre os portugueses devido a sua abrangência territorial, detendo em suas áreas reservas de metais preciosos, terras férteis e um elevado número de indivíduos que seriam destinados ao tráfico de escravos. A centralidade política resultava num grupo privilegiado de nobres, que dominavam o poder e administravam a cobrança de impostos. Preponderava a política administrativa perante os outros reinos e micro-reinos que estavam próximos, submetendo-os a um regime de interdependência ou subserviência econômica e militar.¹³

Os chefes congueses aceitaram adotar a religião cristã, porque viam nela vantagens políticas. Datamos a primeira conversão do reino do Congo em 1491. A conversão do chefe e do soberano provocou a dos seus súditos¹⁴.

Para compreender os interesses do rei do Congo, se mostra necessário entender como ocorria a legitimação de poder central na tradição conguesa. O rei nesse território deveria ser eleito, essa eleição ocorria entre os grandes chefes. Contudo, ela estava associada ao sistema de parentesco matrilinear, e por isso a linhagem política seguia apenas entre irmãos e sobrinhos do chefe anterior. Havia, assim, muitos candidatos à conquista da autoridade real. Mas a legitimidade do rei não era sempre reconhecida por todos os membros do seu reino.¹⁵

Esse costume gerava conflitos e disputas pelo poder político. Quando os portugueses chegaram, nos finais do século XV, a instabilidade política era frequente na região. Neste clima de instabilidade, o estabelecimento de uma relação harmoniosa com Portugal poderia oferecer vantagens para o candidato ao trono.

O candidato que se convertia ao Cristianismo obtinha o apoio dos portugueses cujas armas eram mais eficazes que as dos seus adversários. Esta aliança permitia ao Reino do Congo aproximar-se da Europa e das outras potências europeias. Dessa forma, podemos compreender que os congueses adotaram a nova religião de acordo com sua própria cultura.¹⁶

Desde a sua chegada ao continente africano no final do século XV, os portugueses procuraram legitimar as suas ações políticas e comerciais utilizando o fator religioso, tendo estabelecido, ao longo dos séculos, vários mecanismos de implantação do catolicismo. A

¹³ MELLO E SOUZA, Marina. Op. Cit. pg. 61

¹⁴ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Trato dos Videntes, formação do Brasil no Atlântico Sul, Séculos XVI e XVII*, São Paulo, 2000, p. 71.

¹⁵ BRÁSIO, António. «O problema da eleição e coroação dos reis do Congo», in *Revista Portuguesa de História*, t. XII, vol. I, pp. 351-81

¹⁶ BRÁSIO, António. Op. Cit. pag. 354.

afirmação do historiador congolês Elikia M'Bokolo: "a arma do colonizador virara-se contra ele"¹⁷, torna-se particularmente pertinente, pois coloca em evidência a capacidade africana de mudança, através da integração de "novidades" introduzidas pelo cristianismo europeu, com objetivo de estabelecer relações profícuas, mas também assegurar a sua hegemonia regional, preservando ao mesmo tempo valores culturais africanos fundamentais. O contato de duplo interesse convergiu num processo de desconfiança à medida que os europeus, com seus mecanismos de interesse, se mostravam controladores e autoritários obrigando os africanos a tomarem posse desses mecanismos no sentido de proteger o próprio espaço territorial e cultural.¹⁸

O suposto centro do poder estava localizado na capital Mbanza Congo. Sede da administração, organizada pelo rei e seu conselho, formado por nobres. Estes tinham diversas funções como: coletores de impostos, militares, juízes, empregados pessoais, entre outras.¹⁹

Devido a essa estrutura, a nobreza caracterizava-se como um dos elementos mais importantes para a coesão social, principalmente nas cidades, Como forma de construir uma rede de lealdades com os governos das demais regiões, o rei nomeava parentes próximos para os cargos mais importantes das províncias, mas isso não garantia que as relações fossem sempre amigáveis.²⁰

Essa estrutura, aparentemente funcionando em lógica semelhante à europeia, pode ser entendida por outra perspectiva, levando em consideração as articulações internas.

Em vez de pensar em centralização política por via poder real, podemos especular se o Congo não seria uma "cadeia de sociedades" formadas por Mbanza Congo e as demais províncias. De acordo com Amselle, as sociedades englobantes:

"As primeiras, isto é, os estados, os impérios, os reinos e as chefarias, inserem-se no âmbito da determinação: são elas que detém a capacidade máxima de delimitação do espaço. Esses estados exercem uma pressão significativa sobre as sociedades de agricultores, promovendo a divisão entre elas o que acentua o seu caráter 'segmentário' (...)"²¹

Esse movimento de delimitação do espaço ocorre com a separação entre banzas e lubatas. A explicação do Fr. Raimundo Diacomano sobre essa divisão é esclarecedora:

¹⁷M'BOKOLO, Elikia ., *África Negra: História e Civilizações do Século XIX aos nossos dias*. Tomo II. Lisboa: Colibri, 2007. pg. 466.

¹⁸ M'BOKOLO, Elikia. Op. Cit. pg.466

¹⁹ VAINFAS, Ronaldo e MELLO E SOUZA, Marina de. "Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII". In: *Tempo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, v.3, n.6, dez/1998. Pg.40.

²⁰ VAINFAS, Ronaldo e MELLO E SOUZA, Marina de. Op. Cit. pg.48

²¹ AMSELLE, Jean Loup & M'BOKOLO, Elikia. Op. Cit. Pg.39.

"Banza é uma quantidade de cabanas juntas, em que habita um povo governado por um Senhor intitulado Infante, Duque, Príncipe, Marquês, que são construídas geralmente junto dos rios, ou de algum lago e onde há água, e são sempre edificadas dentro de bosques, e não lhes deixam senão um pequeno e muito estreito caminho, por causa dos inimigos do Congo. Há muitas e algumas são grandes, de duzentas e mais cabanas. Estes Senhores titulares são o mesmo que em Angola, os Dembos. Estes têm sob a sua protecção outros povoados menos numerosos, que chamam Libatas, porque são governadas por um Senhor Infante não titulado, que tem pouca gente, e estas Libatas terão cerca de quarenta a cinquenta cabanas mais ou menos, e estas correspondem aos Sobas de Angola." ²²

A principal diferença entre esses dois espaços sociais consistia no fato de que, nas aldeias, os chefes, não tinham controle sobre a produção. Tal produção se baseava nas estruturas familiares e na divisão sexual do trabalho. Entretanto, nas cidades, as elites controlavam a produção, que era fruto do trabalho cativo em suas terras. Seguindo a teoria do Amselle, as províncias seriam, então, sociedades englobantes. Já que eles deveriam pagar impostos para os chefes das Bamzas. De acordo com o antropólogo: "As sociedades englobadas podem ser sujeitas ao pagamento de um tributo em espécie ou dinheiro (...) e nesse caso, estamos perante relações de ordem tributária." ²³ Essa proposta do autor privilegia a ideia de interdependência nas relações estabelecidas entre as sociedades englobantes e as englobadas.

Fr. Rafael Da Vide continua seu relato buscando construir um passado glorioso do Congo, mas atrelando essa glória a presença da igreja católica e por associação a Portugal. Segundo ele: "Foi plantada aqui a Santa Fé, e se principiou no tempo de El-Rei D. João segundo, pelos Portugueses; e o primeiro Rei, que se baptizou, se chamou D. João, tomando o mesmo nome do nosso Rei." ²⁴ Nessa construção de memória atrelada à Portugal, o missionário insinua que a decadência do reino foi causada pela distância da fé católica:

"Antigamente se admirava a Corte adornada de muitas Igrejas, mas hoje tudo está em terra. Na Corte, sempre havia um Vigário Geral e muitos Padres, hoje não tinha ninguém, e há muito tempo com falta de Padres e bem se pode julgar de que modo acharíamos este Reino." ²⁵

²² CORREA, Arlindo. Informação o reino do Congo Pre. Raimundo Dicomano (1798). 2008. Pág.08 Publicado eletronicamente em <http://arlindo-correia.com/101208.html>

²³ AMSELLE, Jean Loup & M'BOKOLO, Elikia. Op.Cit. pg. 39.

²⁴ Da Vide. Op.Cit.pg.26.

²⁵ Idem. pg.26-27

Os silêncios na fala do autor são significativos. Ele não menciona as guerras que ocorreram na localidade, muitas por conta de Portugal. Isso revela o lugar de fala do religioso. Um ponto que ele também não abordado por ele, seria a presença de missionários capuchinos italianos, enviados diretamente por Roma, ou os mestres locais que mantiveram os preceitos católicos no Congo, apesar de não poderem aplicar os sacramentos.

O missionário constrói uma narrativa de forma a marcar a receptividade que os sobas angolanos possuem com Portugal e a fé cristã. De acordo com ele:

"No dia seguinte partimos para o *Libongo*, última povoação que encontramos no distrito do Reino. No caminho nos esperava, em sua cadeira no meio do campo sentado, um Manibamba, ou Soba, que é o mesmo que Rei pequeno, mas sujeito a Portugal que, chegando nós, se levantou e nos tomou a bênção, e veio acompanhando até à Povoação."²⁶

Nesse trecho percebemos a construção de uma docilidade por parte desse chefe, que os estava aguardando e os acompanha até o primeiro povoamento congues. Dessa forma, Da Vide, ajuda a construir uma memória de colonização de sucesso da região.

A primeira localidade conguesa que a missão adentrou foi a banza de Itaíbe, que de acordo com o religioso foram recebidos de forma calorosa:

"(...)vimos descer uma multidão de gente gritando por um monte abaixo, e cuidando ser algum alevantamento, no princípio nos assustou; mas chegando mais perto vimos que eram mulheres e homens com os seus filhos nos braços, e clamavam pedindo o Santo Baptismo(...)"²⁷

A população, logo ao avistar os missionários pediu os sacramentos religiosos, principalmente o batismo para as crianças. Por ser uma província afastada de São Salvador, não deveria ser rota de muitos missionários. Mas essa reação nos dá pistas de como a população mais afastada da elite significava o catolicismo.

Ao longo de todo o percurso, Da Vide relata a mesma reação calorosa da população com relação ao batismo, principalmente de crianças e à sagração do matrimônio, pois este também era bastante requisitado aos missionários.

Ao longo da viagem, Da Vide reclama bastante dos carregadores, que eles eram geniosos, que não os ajudavam e que muitos fugiam. A reação desses carregadores poderia indicar uma resposta à presença dos missionários na região. Eles poderiam não ser tão queridos como imaginavam. Poderiam ser considerados de má influência espiritual:

²⁶ Da Vide. Op. Cit. pg.28.

²⁷Idem. pg.29.

"(...) nos queriam deixar os pretos, e o mesmo faziam em todas, e ainda no meio do campo, e era preciso que eu muitas vezes gritasse contra eles, porque vinha alguma coisa mais forte, e me compadecia dos Padres companheiros, que algum chegou a chorar vendo a rebeldia da gente, e pela sua moléstia deitado no meio do campo, sem o quererem levar." ²⁸

Além das constantes doenças que os missionários contraíam ao longo do caminho, durante o percurso o Pe. Libório da Graça acabou por falecer na viagem em 6 de Outubro de 1780.²⁹

Ao longo da narrativa, podemos perceber que nem todas as banzas que os missionários percorrem são dotadas de riqueza. Essa diferença entre as províncias torna-se mais perceptível a partir do comportamento dos padres. Ao chegarem na Banza do Congo:

"(...) aonde havia um grande Príncipe, e o primeiro que encontramos que soubesse alguma coisa da Língua Portuguesa, e a escrevia, homem de grande propósito, e cortesão, que nos recebeu com grande contentamento, acompanhando-o alguns pretos com espingardas, que já aqui se principiam a usar e mais para diante. O dito Príncipe nos escrevia muito a miúdo, assinando-se sempre por nosso Filho espiritual, e este é o tratamento que neste Reino nos dão todos, especialmente os Grandes, e o mesmo Rei, que todos se nomeiam nossos Filhos espirituais.

Aquele Príncipe nos visitava a miúdo, e nos pedia fôssemos à sua casa, só pela consolação de falar connosco; não deixou de fazer um bom presente para nós, o que sempre se costuma nos Grandes deste Reino, e nós sempre correspondíamos com o que tínhamos para isso. Sendo tempo de irmos adiante para outra Povoação, foi também grande o cuidado do Príncipe, a que fôssemos com comodidade, enviando todas as nossas coisas e do Rei. Partimos e chegámos no mesmo dia a uma Banza"³⁰

Podemos perceber que Banza do Congo não era uma localidade destituída de riqueza, pelo uso de armas europeias que a escolta que os recebeu usava. O chefe sabia ler e escrever em português. Nessa parada, os missionários receberam presentes, tal como esperavam. Esse costume de usar armas de fogo seria de comerciantes de escravos? Seria a arma um símbolo de poder? Ou puramente de proteção?

O tratamento dos missionários em banzas menores difere consideravelmente, incluindo maus tratos aos locais:

"Com estes maus tratamentos, chegámos a um Povo pequeno, e por ser quase noite não pudemos passar adiante. Ali é indizível o que padecemos e cada um de nós referia o que havia passado

²⁸ Da Vide. Op. Cit pg.52-53.

²⁹ Da Vide. Op. Cit. pg. 50.

³⁰ Idem. pg.36.

no caminho. Neste povo nos meteram em uma pequena casa, aonde não achámos algum abrigo; molhados, tremendo de frio, e de fome, porque em todo o dia não havíamos comido, e foi preciso acender fogo, e pedir por caridade alguma tanga, porque o nosso fato todo estava molhado, e nem isto achámos, pelo que eu vendo um total desalinho, entrei por casa de um preto, e lhe tirei uma esteira e fogo para a nossa casa. "³¹

Ao chegarem em outra Banza, Mossaba, começam a reclamar da população:

"falando do alimento, são os pretos tão escassos em o dar, que dando pouco lhe parece dão muito, e ainda que pouco, é necessário ser por via do Baptismo, ou Confissão, que quando recebem estes Sacramentos, é costume introduzido pelos antigos trazerem alguma esmola para sustento do Padre, a qual às vezes é tão pouca, que apenas será valia de um vintém, ou pouco mais, e às vezes menor; e com dificuldade vendem."³²

Seria esse um dos motivos da quantidade de batismos que eles realizavam, a não obrigatoriedade do pagamento pelo sacramento? De acordo com Da Vide, às vezes eles ministravam 200 batismo por dia. ³³

O Capuchino Diacomano possui uma visão muito mais crítica sobre os batismo pela população. De acordo com ele:

"E na verdade o Missionário enche-se de ternura quando, passando pelas suas Banzas vê aquela grande multidão de povo correr em magotes levando os seus filhos ao Padre para que os baptize, pedindo em altas vozes *anamungoa* – Baptismo, [porém] A palavra *Anamungoa* neste sentido quer dizer sal benzido, ou sal do Senhor, porque na língua deles *mungoa* é sal, e quando pedem *anamungoa* querem pedir o baptismo, e julgam que para ser baptizados, basta o sal, e se o padre não está com atenção quando os baptiza, assim que lhes põe o sal, fogem e não esperam que o Padre acabe de os baptizar."³⁴

O italiano defende que eles só querem o sal, pois não buscavam aprender a doutrina cristã. Um dado interessante que ele nos apresenta seria o batismo feito com sal. Mas Da Vide, nos relata batismos nas águas. Segundo ele:

" confessei e baptizei com abundância, tanto que até pelo caminho vim sempre ocupado neste santo ministério, saindo dos matos muitas mulheres e homens, com os seus filhos nos braços, com água, já preparados para eu lhós baptizar, o que fiz muitas vezes, e ocasião houve em que foi preciso entrar em um pequeno Rio e baptizar grande povo, que me seguia, o que me dava tanta consolação, e alegria, que não a trocaria por todos os Impérios do mundo."³⁵

³¹ Da Vide. Op. Cit pg.71

³² Idem. pg. 47.

³³ Idem. pg.55.

³⁴ CORREA, Arlindo. Informação o reino do Congo Pre. Raimundo Dicomano (1798). 2008. Pág.06 Publicado eletronicamente em <http://arlindo-correia.com/101208.html>

³⁵ Idem.pg.79.

Qual seria a diferença entre os dois, como a população interagiu com essas duas formas de sacramento?

À medida que se aproximavam da corte, eles encontravam não mais chefes, e sim marqueses, duques, fidalgos. Essa proximidade também nos revela a presença de clérigos locais. O encontro com o Marquês de Quindoque nos revela que as primeiras banzas são a do interior e de pobres. Quanto mais perto da corte a missão se aproxima, mais o uso de urbanidade eles empregam para descrever as banzas.³⁶

Da Vide, ao longo de toda sua narrativa vai associando as banzas ricas com valores europeus, como urbanidade, cultura escrita. Por exemplo:

"conhecemos a grande necessidade que eles têm de Padres, que quisessem padecer alguma coisa por Deus, e deixar as comodidades do Reino, e as suas vãs escusas; e quanto aproveitariam se houvessem bastantes para se repartirem, ao menos pelos maiores Povos; porque depois da nossa assistência mais prolongada, já o povo ia despidendo a antiga rusticidade, criava amor à Religião, e o conhecíamos muito diferente do princípio, porque até na frequência dos Sacramentos muitos se especializavam; e isto é que mitigava o muito que padecíamos e nos consolava no meio dos nossos trabalhos."³⁷

Nesse trecho mencionava como a religião acaba com a rusticidade do povo. E como os portugueses são os portadores da doutrina católica, logo, eles seriam também os agentes das melhorias.

Ao se aproximar de Mbanza Congo, os missionários ficavam impacientes, pois só podiam entrar na capital depois do rei a ocupar. De acordo com a explicação do missionário:

" Ora, a causa por que nos demorámos tanto nesta Banza do Marquês D. Afonso, e nas seguintes, foi porque o Rei estava ausente da Corte, e queria entrar ele primeiro, o que muito lhe custou por estar em ela um levantamento, que o perseguiu; mandámos ao Rei um Embaixador para lhe darmos parte da nossa chegada e o apressar; sim, levantou donde estava mas tão devagar, que de medo ou por outra causa, mesmo no caminho se deteve. Aqui nos víamos aflitos por uma e outra parte, e não sabíamos de nada, do que se passava, e temíamos algum engano, porque tudo nos ocultavam. "³⁸

Nesse trecho, podemos perceber que por mais que seja uma missão evangelizadora, Da Vide possuía um intento claro de garantir o restabelecimento dos laços comerciais com o Congo. Garantindo assim uma influência do poder real por meio da religião.

Fontes primárias:

³⁶ Da Vide. Op. Cit.pg.67.

³⁷ Idem.pg.78.

³⁸ Idem.Pg. 79.

Frei Rafael Castello da Vide: Viagem e missão no Congo. Academia das Ciências de Lisboa, MS Vermelho 296, Rafael de Castello de Vide, 73. Esse documento possui uma versão digitalizada online no site de Arlindo Corrêa: <http://www.arlindo-correia.com/161007.html>

Informação o reino do Congo Pre. Raimundo Dicomano (1798). Arquivo Histórico Ultramarino, Diversos, caixa 823, sala 12.

Referências Bibliográficas:

AMSELLE, Jean Loup. *Branchements*, Paris: Flammarion, 2001.

_____. & M'BOKOLO, Elikia. *Pelos Meandros da Etnia: Etnias, Tribalismo e Estado em África*. Lisboa: Edições Pedagogo, 2014.

BRÁSIO, António. "O problema da eleição e coroação dos reis do Congo", In: *Revista Portuguesa de História*, t.XII, vol. I.

MELLO E SOUZA, Marina de. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: história e civilizações*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.

SAPEDE, Thiago Clemêncio. Missão católica e comércio de escravos no Reino do Congo do Século XVIII. In: Anais do XXVI Simposio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

VAINFAS, Ronaldo e MELLO E SOUZA, Marina de. "Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII". In: *Tempo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, v.3, n.6, dez/1998, pp. 95-118.

